

EDUCADOR OU PEDAGOGO?

Joaquim Antonio de Assis Vilar*

Eu não sou "educador".

Basta-me ser um dentre os demais seres do universo. Ou a ventura de ter procurado ser na vida um pedagogo.

Nos últimos tempos tenho pensado muito nisto. Acho mesmo que a partir do final da década de 60 nós permitimos a despedagogização do ensino neste país de nome Brasil. Que é verde, amarelo, azul e branco! É mesmo. E pronto.

Nestas duas últimas décadas mataram ou permitimos que matassem a disciplina e a seriedade e o prazer na Escola. E, aí, vale a questão: "escola para quê?"

Perante vós todos, meus companheiros de ofício — "educadores" do Brasil de hoje —, assumo que de algum modo permitimos que passássemos a ser vistos dentro do ensino como seres de outra galáxia, quando nos denominamos profissionalmente de "educadores". Com isso desapropriamos o saber dos pais — que sabem, sim, como educar as crianças e dos professores das várias disciplinas, que precisam saber antes de tudo como ensinar suas ciências, ensinando como se produz intelectualmente nelas — questionando-as a todo tempo sem desconhecer suas especificidades, levando em conta suas relações com o amplo espectro de saberes socialmente constituídos. E acredito que a isso se pode chamar de competência pedagógica.

Conclamó-vos, pois, a que depressa devolvamos aos devidos proprietários nosso saber posição que, desde as reformas do ensino brasileiro, em todos os seus níveis, operadas no início da década de 70, sempre me soou falso. E acredito, inclusive, que assim o sentiam muitos dos nossos alunos, dos pais e dos mestres, e dos coevos ou não e de todos os seres que não deixam de nos educar todos os dias da vida.

Creio que a nós compete resgatar nossa missão primeva: a de pedagogo! Um dentre os dezesseis escravos gregos — direito das famílias eupátridas —, cuja obrigação era a de cuidar da escolarização do greguinho. (Acho que a greguinha não contava muito, certo?)

Creio que é aí que se encontra a nossa tarefa, nosso papel na Escola. Temos que ajudar a todos os alunos a se organizarem, a adquirirem hábitos de estudo que lhes permitam produzir intelectualmente. (E creio que nos bastariam umas duas aulas por semana no 1º e 2º graus, no lugar, por exemplo, da Educação Moral e Cívica).

Assim, creio, finalmente iremos ocupar nosso espaço — que vago ainda per-

* Professor do Departamento de Pedagogia da UFU

manece — e seremos profissionalmente respeitados (Vocês não concordam que esta tarefa é por demais nobre?).

E os filósofos? Tenho dúvida se a nós compete sempre apenas questionar. Parece-me existirem certezas que, embora muitas vezes limitadas, posto que circunstanciadas, orientam nosso caminhar.